

O arquiteto Sidney Quintela apostou no pé-direito duplo e em móveis grandes, numa casa em Salvador



Foto de divulgação

de oito metros, que ocupa os três andares de uma casa no Jardim Botânico.

— É uma solução simples que funciona muito bem — ensina ela.

Segundo os profissionais do ramo, na contramão dos edifícios modernos e apertados, os imóveis verticalmente altos são cada vez mais valorizados e cobiçados por um certo perfil de morador, que gosta de construções antigas ou espaços com jeito de *loft*. É justamente para dar essa cara de *loft* que um dos recursos mais usados é a criação de um pé-direito duplo (quando se pode ver, do andar de baixo, parte do andar de cima). No projeto de uma casa em Salvador, o arquiteto Sidney Quintela investiu no pé-direito duplo logo na entrada e deixou o ambiente imponente, com móveis grandes e escuros que contrastam com o espaço todo branco.



Ana Meireles também investiu numa luminária, com 1,50m de diâmetro



Uma palmeira gigante foi o recurso usado no projeto de Valéria Marques



Luminária e cortina imensas na cobertura de Claudia Santos

Por Isabela Caban

Nas alturas

Arquitetos ensinam a tirar partido do pé-direito alto usando revestimentos, móveis, luminárias ou até mesmo plantas

Casas e apartamentos com pé-direito alto são um prato cheio para arquitetos e decoradores. Nesses ambientes privilegiados, eles podem, literalmente, pensar grande. E para tirar partido de espaços que têm quatro, cinco ou até seis metros de altura, vale tudo: móveis, luminárias, revestimentos, portas, cortinas... Sempre em grandes di-

mensões, claro.

É o caso de um projeto de Claudia Santos para uma cobertura na Barra. Para valorizar o pé-direito de 5,5 metros, a arquiteta escolheu um grande pendente cobreado, que ostenta uma luminária feita sob medida. Em paralelo, desce da parede uma cortina — enorme — de linho branco. Em outra cobertura na Barra, com pé-direito da

mesma altura, a designer de interiores Ana Meireles também investiu numa luminária, toda grudada no teto, com 1,5 metro de diâmetro.

— Certamente sufocaria um ambiente mais baixo, que não tivesse a altura desse apartamento — diz Ana.

A arquiteta Valéria Marques foi em outra direção. Para dar ainda mais amplitude ao ambiente, ela usou uma palmeira

1789: Revolução Francesa. E a sua, quando vai ser?

af Alliance Française

Venha fazer sua revolução aqui.

www.rioaliancafrancesa.com.br matrículas: 2242-3349



Fotos de divulgação

Emília Cardoso rebaixou o teto e instalou um home theater numa casa na Barra



Parede de tijolos, livros e quadros valorizam o pé-direito no projeto de Paola Ribeiro



Camilla Mao



Uma parede de tijolos e um estante com livros à mostra no segundo andar foram os recursos usados por Adhemar Serra, numa casa no Jardim Botânico



O arquiteto André Piva jogou com a altura das paredes, integrando os ambientes

► Numa casa com pé-direito de cinco metros, no Jardim Botânico, o arquiteto Adhemar Serra sugeriu que fosse erguida uma parede de tijolos. Uma estante com livros à mostra, no segundo andar, dá mais charme ao projeto.

— É curioso porque o pé-direito alto aquece a casa — explica Adhemar. — Torna o ambiente rústico e moderno ao mesmo tempo. Sou fã.

A arquiteta Paola Ribeiro usou elementos parecidos num apartamento com pé-direito de 5,5 metros na Barra. Ao criar um pé-direito duplo, ela também recorreu a uma parede de tijolos e a uma estante, que vai do primeiro ao segundo andar, para dar unidade ao projeto.

— Aproveitei ainda o pé-direito de 2,5 metros do mezanino para pendurar quadros, que ficam em destaque nesse pedaço de

parede — conta Paola.

O arquiteto André Piva aproveitou o espaço vertical em abundância para jogar com a altura das paredes, que mudam de um ambiente para o outro, numa cobertura na Lagoa. Da sala, o que se vê são aberturas com medidas de 3,9 metros e 2,6 metros, lado a lado. Uma dá passagem à sala de jantar e a outra, a uma sala de estar. O espaço acabou ficando acolhedor.

Também ficou aconchegante o terceiro andar de uma casa na Barra, onde a arquiteta Emília Cardoso bolou um *home theater*. Ela aproveitou o pé-direito alto para rebaixar o teto com um acabamento de madeira, que transformou o lugar numa espécie de sótão, com cara de casinha de campo.

— Existia apenas uma laje ali, era totalmente mal aproveitada — conta. ●

Cartas

Ao 'coleccionador'

► A última revista começou com uma reportagem por demais interessante. Mas chamar de *camelouco* o "coleccionador" que vai para a rua vender seus produtos é injusto, pois ele atrai a atenção pelo que oferece. E vale a pena curtir um momento vendo coisas de antigamente que refrescam a nossa memória.

URIHEL VILLAS BOAS, Santos, SP

Viva a Isa!

► Fui tocada pelo texto da colunista convidada Isa Pessoa. São tempos de desatenção e desconsideração com o outro. Já ouvi que essas atitudes são típicas de nós, cariocas. Será? Talvez sejam típicas do homem contemporâneo, individualista ao extremo, sempre usando a pressa e as atribuições da vida como desculpas para seus descasos.

ANALUISA GAUZ, Rio de Janeiro, RJ

'All that jazz'

► Voltei no tempo com a matéria "Todo aquele jazz"! Aquilo sim era um verdadeiro exercício para o corpo e para a mente. Pena que os endereços são exclusivamente da Zona Sul. Será que na Zona Norte ninguém quer resuscitar o jazz? Valeu a lembrança!

CRISTINA ARRUDA, Rio de Janeiro, RJ

Também não é assim...

► Na matéria "Gordura nunca mais", afirma-se que a lipo de Beverly Hills é a mesma técnica que a hidrolipo e a lipo *light*. Mas é diferente. Uma pessoa que estivesse pensando em realizar a lipo de Beverly Hills por ser um procedimento que, sob anestesia local, pode retirar a mesma quantidade de gordura que numa lipo tradicional (com anestesia peridural ou geral e internação), após ler a reportagem achará erradamente que terá que ser submetido a várias sessões.

EDUARDO SITHOVETER, Rio de Janeiro, RJ

As cartas devem ser assinadas e conter o nome e o endereço completos do remetente. Enviar para REVISTA O GLOBO, na Rua Irineu Marinho 35, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20233-900, ou por email, para o endereço revistaoglobo@oglobo.com.br

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NA SUA SAÚDE



Durante muitos anos, a violência vem servindo como pauta principal para os principais jornais locais das grandes cidades. No Rio de Janeiro, por exemplo, o caso do menino João Roberto, de três anos, morto por policiais militares, e o assassinato de três rapazes do Morro da Providência despertam a nossa atenção para este grave problema.

Segundo especialistas, a violência é atualmente um dos fatores que levam ao agravamento da saúde da população. Quando pensamos no tema do ponto de vista da saúde mental, os números são preocupantes. Segundo noticiou o jornal Folha de São Paulo, em 28 de junho de 2008, no período de um ano cerca de 6% a 10% da população da cidade de São Paulo sofre de um problema de saúde mental relacionado a algum episódio de violência.

Fique atento para alguns sintomas, como dificuldades de dormir ou alterações no sono; irritabilidade ou impaciência; sentimento de intranquilidade ou preocupação ao sair às ruas; assustar-se com frequência; e, principalmente, com o uso excessivo de tranqüilizantes para relaxar ou dormir.

O terapeuta ocupacional é um profissional preparado para lidar com o cotidiano e utilizar recursos do seu dia-a-dia para melhorar seu desempenho ocupacional e ampliar as possibilidades pessoais para evitar que o impacto da violência afete bruscamente a sua saúde. O fisioterapeuta oferece outras possibilidades de redução do nível de estresse, sem os efeitos colaterais de medicamentos paliativos.

Não deixe a violência tomar conta de você. Abasteça-se de SAÚDE!

Administração:
Dr.ª Rita Vereza

CREFITO 2
CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL DA 2ª REGIÃO
(21) 21 69-21 69 / www.crefito2.org.br